



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

MECANISMOS ENUNCIATIVOS NA ANÁLISE DE CRÔNICAS

ANA CECÍLIA NASCIMENTO E SANTOS

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

RESUMO Neste trabalho, apresentamos propostas de atividades circunscritas na área da Linguística tomando por base as ideias do Interacionismo Sócio-Discursivo. Ele se justifica pela necessidade práticas de ensino, voltadas para os gêneros de texto, como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O gênero escolhido para análise foi a crônica, por trazer temas atuais e interessantes para os alunos, favorecendo o gosto pela leitura. Pretendemos investigar, nas crônicas, o uso dos mecanismos enunciativos, presentes nas vozes e modalizações e os efeitos de sentido que eles trazem na interação textual. Essa é uma pesquisa-ação com a base teórica calcada, principalmente, em Bakhtin (1999) e Dolz e Schneuwly (2004). **Palavras-chave:** Crônica. Gênero de texto. Mecanismos enunciativos. ISD **ABSTRACT** In this paper, we present activities proposed in the area of Textual Linguistics based on the ideas of Socio-Discursive Interactionism (SDI). It is justified by the need of new approaches, focused on text genres, as recommended by the National Curriculum Parameters (PCN). The chosen genre for analysis was the chronic, because it brings current and interesting topics to the classroom, favoring the development of the reading habit. We intend to investigate the chronic use of enunciative mechanisms, present in the voices and modalizations and the effects of meaning that they bring in textual analysis. This is an action research with theoretical basis grounded mainly in Bakhtin (1992), Bakhtin (1999) and Schneuwly and Dolz (2004). **Keywords:** Chronic. Text genre. Enunciative mechanisms. S

INTRODUÇÃO Esse estudo busca apresentar estratégias para o trabalho com o gênero crônica em sala de aula e toma por fundamento teórico o Interacionismo sociodiscursivo (ISD), que leva o leitor a entender o texto como um construto que promove a interação social, refletindo o momento histórico e dialogando com textos anteriores. De acordo com Bronckart (2003), o texto é concebido como um "folhado" que comporta três camadas: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os me

enunciativos. Buscaremos focar na análise do terceiro nível textual, os mecanismos enunciativos, atuam na gestão das vozes e dos modalizadores, o que favorece a coerência pragmática do texto, na construção de sentidos. A escolha do gênero crônica se deu pelo fato de este ser um texto facilmente encontrado nos livros didáticos, o que promove uma maior aproximação e identificação com o material a ser estudado, favorecendo, também, o gosto pela leitura. Além disso, é um texto que possibilita debates interessantes, por tratar de questões próprias da sociedade em que vivem acontecimentos cotidianos, mostrando a realidade que nos circunda. A partir da leitura desse texto pode-se colocar como sujeito social, já que a crônica tem uma característica reflexiva, além de ter uma subjetividade que lhe é peculiar. O texto da crônica é permeado de vozes de personagens também, diferentes intencionalidades reveladas a partir dos modalizadores. Torna-se, portanto, um texto adequado para o estudo a que nos propomos. Esta é, dessa maneira, uma proposta discursiva que se apoia nas marcas linguísticas para que haja uma melhor apropriação dos significados do texto. Desse ponto de vista teórico do nosso trabalho concentram-se em Bakhtin (1992), respaldando a questão dos gêneros discursivos, e ampliando o nosso horizonte de estudos, buscamos compreender a noção de gênero textual, focando nas teorias de Bronckart (1999) e de Dolz e Schneuwly (2004).

1. O ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS EM SALA DE AULA E O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

A abordagem dos gêneros textuais/discursivos contribuiu muito para o ensino de Língua Portuguesa, pois chamou a atenção para a importância de se vivenciar na escola atividades sociais das quais a linguagem é parte integrante. Tratando dessa temática, na gênese, contamos com as contribuições de Bakhtin (1992), visto que quem ampliou a noção que se tinha de gêneros, criando o conceito de Gêneros Discursivos. Segundo Bakhtin, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que se realizam numa ou noutra esfera da atividade humana” (1992, p. 279). Tais enunciados, que são os gêneros discursivos, devem ser utilizados de maneira adequada, de modo que possa existir a comunicação entre interlocutores de um diálogo. Bakhtin constrói a sua filosofia de linguagem baseada em três princípios. 1. Toda produção ideológica é de natureza semiótica, ou seja, para cada significante, há um significado. 2. Os significados têm uma relação independente, formando um “signo-ideia”. Estes “signos-ideias” são formados a partir da interação social que estiver ocorrendo no momento, portanto, 3. têm-se um caráter dialógico, deve-se, portanto, levar em consideração todo o contexto (quem fala, para quem, onde fala). Desse modo, todo discurso deverá apresentar um caráter social, dialógico e semiótico. Com base nesses conceitos, os estudos da Universidade de Genebra, coordenado por Dolz e Schneuwly, pensou na inserção dos gêneros textuais na escola. Para eles, assim como utilizamos instrumentos específicos para realizar atividades em geral, utilizaremos o gênero como um instrumento para “agir discursivamente”, portanto, é um mecanismo de ensino que possibilita a comunicação e a aprendizagem.

“uma proposta de ensino/ aprendizagem organizada a partir de gêneros

permite ao professor a observação e a avaliação das capacidades de língua dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente". (SCHNEWLY, 2004, p.41)

Esse tipo de ensino inspira-se no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) desenvolvida por Bronckart (1999), que se centra nas condições de produção como fator influenciador da situação de comunicação. A fonte de referência para esse quadro teórico encontra-se nos conceitos de Vygotsky, trazendo a ponte para a elucidação das condições do pensamento humano. Assim, compreende que a linguagem materializa os aspectos psíquicos e os configura em uma forma de ação, a ação de linguagem, que se dá a partir da interação com o meio, construindo, ao mesmo tempo, uma consciência individual e social. Para Bronckart (1999, p. 72), "os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos." Ele define o texto como "produzir um efeito de coerência em seu destinatário" (1999, p. 137). Desse ponto de vista sócio-historicamente, um texto é produzido dentro de um ambiente social com seus objetivos, interesses e questões próprias, sendo produto das atividades de linguagem e sendo constituído por um cruzamento dialético entre a ação individual e os tipos de texto que Bronckart denomina por gêneros de texto. Já os tipos de texto serão vistos como tipos linguísticos ou tipos discursivos, pois há a compreensão de que cada tipo de texto é constituído por estatutos diferentes, levando-o a ter as características próprias de cada gênero a que se pretende (narrar, expor, relatar, argumentar...). Sua proposta de análise do texto leva em conta, num primeiro momento, o contexto de produção, explorado por Bronckart como "o conjunto de parâmetros que exercem influência sobre a produção de um texto está organizado. (...) Esses parâmetros estão reagrupados em dois conjuntos: mundo físico e mundo social e subjetivo". (1999, p.93). Num segundo momento, deve-se observar a arquitetura interna do texto, que é formada por camadas superpostas na composição do gênero, conforme sua denominação: Infraestrutura geral do texto; Mecanismos de textualização e Mecanismos Enunciativos. O primeiro nível, a infraestrutura geral do texto, define o contexto de discurso que aquele texto comporta. O nível seguinte é formado pelos mecanismos de textualização que são divididos em mecanismos de textualização (conexão, coesão e coesão verbal) e os mecanismos enunciativos (vozes e modalizadores), c

nosso foco de ensino e explicados de maneira detalhada adiante.

MECANISMOS ENUNCIATIVOS Os mecanismos enunciativos aponta Bronckart (1999) operam na gestão das vozes e das modalizações do texto. deles aponta um determinado aspecto a ser percebido e ambos agem na da interpretação a ser feita do texto. Tais mecanismos favorecem a pragmática do texto, ou seja, a partir desses elementos enunciativos, o leitor fazer inferências a partir de seus conhecimentos de mundo sobre os interlocutores do diálogo, dos conhecimentos acerca do gênero ou dos mecanismos utilizados para efetivar a comunicação, para que haja, de fato, maior compreensão do texto. Conforme Bronckart (1999), quem é responsável pela escolha dos mecanismos enunciativos é o próprio autor. Contudo, ao escolher vozes e modalidades diferenciadas, o autor assume o que é enunciado, mas também assume responsabilidades sobre o que é dito a outras instâncias presentes no texto (o narrador e o expositor). As vozes no texto são apropriações que se faz de outras vozes para que se possa explicitar o que se quer dizer. Nessa perspectiva, o ensino de um texto é muito importante, pois possibilita ao aluno fazer uso do espaço do texto, dar voz aos personagens, compreender como fazer uso adequado do gênero, organizar os tipos de discurso que pretende expor, dentre outros aspectos. Para expressar ideias a partir das vozes, o aluno encontra espaços para explicitar sobre diversos temas e para compreender conceitos que aparecem explicitamente nos textos que lê. Bronckart (1999) entende que compreender as vozes num texto constitui

Uma oportunidade de se tomar conhecimento das diversas formas de posição e de engajamento enunciativos construídos em grupo, de se situar em relação a essas formas, reformulando-as, o que faz com que esse processo contribua, de alguma forma, para o desenvolvimento da identidade das pessoas. (1999, p.156)

Assim, é importante compreender qual o espaço das vozes no texto. Existe a voz do autor, que está ali representando uma conexão com a realidade, e existe a voz dos personagens e de outras instâncias que remetem ao mundo discursivo diretamente, a mundos virtuais criados para que haja sentido no que se fala. Como explicitado no quadro abaixo:

Vozes dos Personagens	Vozes Sociais	Voz do autor
São representadas pelas vozes de seres humanos ou de entidades humanizadas. Podem aparecer, também, na voz do narrador, quando este é personagem.	Aparecem na voz de personagens ou de grupos ou instituições sociais presentes no texto.	Comentários e avaliações do autor sobre o enunciativo

A polifonia é exposta, então, como efeito de sentido a partir dos recursos linguísticos. É através dessas vozes que são expressas opiniões, ideias, julgamentos, sentimentos, e essa expressão é feita através das modalizações. Nessas as modalizações expressam as impressões do autor sobre determinado texto, pode avaliar, julgar, concordar, discordar, impor, aderir, apreciar, enfim, tomar posição acerca do assunto a partir das marcas linguísticas expressas na escrita. Bronckart (1999) diferencia os mecanismos enunciativos dos mecanismos de textualização, ao passo que conceitua as modalizações. Ele entende que

as modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qual enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito dos elementos do conteúdo temático. Enquanto os mecanismos de textualização marcam a progressão e a coerência temáticas, são fundamentalmente anti-linearidade do texto, as modalizações por sua vez, são relativamente independentes dessa linearidade e dessa progressão (BRONCKART, 1999, p. 330).

Os modalizadores demarcam a visão subjetiva do autor e Bronckart(1999), em suas análises, considera quatro funções de modalizadores, por inspiração da tipologia dos mundos de Habermas (1984): as modalizações lógicas, as modalizações apreciativas, as modalizações pragmáticas e as modalizações deônticas. As modalizações lógicas exprimem julgamentos sobre os valores de verdade do que se diz. As apreciativas demonstram certezas ou incertezas, possibilidades ou probabilidades, eventuais usos, necessidades, dentre outros. As marcas linguísticas que aparecem no texto são tempos verbais do condicional, auxiliares, advérbios e orações indicativas dentre outras. As modalizações deônticas caracterizam-se por constituir normas sociais, imprimindo valores, regras, lições que são do domínio do direito e da moral social. Nesta modalização, as marcas usadas poderão ser as mesmas percebidas nas modalizações lógicas. As modalizações apreciativas dizem respeito ao valor subjetivo e aparecem no texto a partir das entidades que o constituem, avaliando as situações emitindo, através de advérbios ou orações adverbiais. As modalizações pragmáticas fazem parte do conteúdo temático e ficam perceptíveis através das vozes de personagens, instituições... Elas expressam capacidades de julgamento e capacidades de sentimento. As marcas linguísticas mais comuns são os auxiliares e o modo em sua forma estrita ou ampliada e o verbo poder nos diversos tempos verbais. Estes são exemplos de marcas linguísticas que representam os modalizadores supracitados:

1. Verbos no modo condicional, ou, em Língua Portuguesa, os verbos no futuro do pretérito, com *gostaria, deveria, poderia...*
2. Metaverbos de modo associados a outros verbos que equivalham como auxiliares de modo, cc *querer, dever, ser necessário, poder* em associação com *crer, pensar, gostar de, desejar, ser a, ser constrangido a*, etc
3. Advérbios ou locuções adverbiais como: *certamente, provavelmente, evidentemente, talvez, verdadeiramente, sem dúvida, felizmente, infelizmente, obrigatoriamente, deliberadamente, e*
4. Orações impessoais, como: *é provável que, é lamentável que, é necessário que, sem dúvida c* (oração adverbial).

Todas essas marcas influenciam no jogo de sentidos do texto. A partir do uso dessas marcas, ob posicionamento que a voz pretende tomar no texto. A voz irá responsabilizar-se pela verdade do sendo dito, ou atribuirá essa verdade a outrem de acordo com o uso do modalizador. Isso perceptível em textos de diversos gêneros, inclusive nas crônicas, assunto que trataremos a partir após termos apresentado a teoria usada como suporte. **3. O GÊNERO CRÔNICA** A palavra crônica termo grego *cronos*, que significa tempo. Nela, o tempo é o cerne da narração dos fatos. Coutinho explica que a crônica era algo relacionado a relatos cronológicos de fatos sucedidos em algum entanto, esse significado modificou-se, e a palavra crônica é agora utilizada para designar “ produções em prosa, de natureza livre, em estilo coloquial, provocadas pela observação dos cotidianos ou semanais, refletidos através de um temperamento artístico” (1988, p. 306). Assim percebe-se que a linguagem utilizada nesse gênero é, normalmente, muito próxima da oralidade “sendo ligada à vida cotidiana, a crônica tem que valer-se da língua falada, coloquial, adquirindo certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária” (COUTINHO, 1988, p. 306). (2008) aponta que a crônica se originou da imprensa inglesa e se adaptou à nossa imprensa, sendo para dar leveza aos textos jornalísticos tão repletos de notícias ruins. Pela crônica, o jornal prop diversão e o entretenimento “destinando-se a dar um tratamento mais ameno a certos fatos da semana, inclusive para agradar todos os tipos de leitores.” (Ferreira, 2008, p.365). Apesar de seu contexto de produção e do suporte onde é veiculada, Coutinho (1988) argumenta que a crônica tem uma natureza literária. Ele aponta que além da personalidade de gênero, a crônica tem assumido um desenvolvimento que faz dela uma forma literária. Ele também enxerga a crônica como algo diferenciado da nossa literatura a qual não há nada que se compare, nem na literatura portuguesa. Independente do veículo de divulgação a natureza da crônica é literária, pois nela se percebe a arte da palavra:

Enquanto o jornalismo tem no fato seu objetivo, seu fim, para a crônica vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de suas faculdades inventivas. A crônica é na essência uma forma de arte,

palavra, a que se liga forte dose de lirismo. (COUTINHO, 1988, p. 305) Sem estudá-la, em sala de aula, é uma excelente oportunidade para a formação do leitor crítico. **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS** A metodologia de levará em conta o estudo de texto proposto pelo ISD, sendo tomado como base para análise, o estudo dos mecanismos enunciativos em crônicas: as modalidades. Entende-se que é nesse nível que há a orientação, de maneira direta, da interpretação do texto, apresentando as vozes explícitas ou implícitas e as intenções que permeiam a crônica. Nosso propósito, ao final dessa pesquisa, é oferecer ao professor um caderno pedagógico que contenha atividades relevantes para a compreensão das vozes e dos modalizadores nas crônicas. Pretendemos, disponibilizar um e-book com algumas crônicas (as que deverão ser utilizadas no desenvolvimento das atividades do caderno pedagógico), trazendo algumas questões sobre os modalizadores e a gestão das vozes no texto. Ao final de cada uma dessas crônicas, o aluno deverá pontuar de acordo com os acertos obtidos nas questões. Como exemplo, apresentamos uma análise que fizemos da crônica “O desafio”, de Luís Fernando Veríssimo. A partir de análises como essa, buscaremos formular as questões que serão debatidas em sala de aula e buscaremos avaliar se nosso aluno está apto a compreender como o uso de vozes e modalizadores pode modificar o sentido do que é dito:

1. Quanto aos Mecanismos enunciativos e Coesão Pragmática

Observando o conceito de produção, temos um escritor famoso por escrever crônicas que escreve para uma edição de livro. Ele entende que o seu público é formado por pessoas cultas, com um vasto conhecimento de mundo, portanto, utiliza alguns conhecimentos gerais ironizando as características negativas percebidas em pessoas de diferentes nacionalidades. O leitor só conseguirá entender o humor do texto se tiver essa consciência. A coesão pragmática é mantida por conta de todos os fatores que entram na história. A trama se passa no inferno. Logicamente, espera-se que lá estejam apenas pessoas ruins. Assim sendo, o autor passa a ideia de que publicitários são pessoas além dele, os cozinheiros ingleses, os garçons italianos, os motoristas de táxi franceses, comediantes alemães e, finalmente, os gerentes financeiros brasileiros. Há uma referência que é dito, e o modo como as coisas são ditas também são coerentes com os tipos de discurso, seja ele do diabo ou do publicitário. O discurso vai apresentar nuances diferenciadas a partir das intenções. Quando o diabo quer convencer o publicitário a uma boa imagem do inferno, ele tem uma linguagem mais sedutora, apresentando vantagens que o publicitário receberia por isso. Já o publicitário, quando começa a falar em como melhorar a visão do inferno, traz à tona uma linguagem própria desses profissionais, persuadindo o leitor a acreditar que aquilo é o melhor que poderia ser. No texto, apesar de haver um diálogo entre o diabo e o publicitário, não percebemos a presença dos pronomes ‘eu’ e ‘você’. Na verdade, há uma omissão de pronomes pessoais e apenas se percebe a conjugação dos verbos na 1ª pessoa do plural. Essa é a maneira como é feita a referência aos personagens. Percebe-se que esse é um uso

num diálogo em que não há muita intimidade entre as pessoas, o diálogo fica mais impessoal, próprio para relações de negócios, conversações profissionais, entre o

Vozes no texto Nessa crônica, há a predominância do discurso direto. Existe mais voz, portanto, é um texto polifônico. As vozes apresentadas são: - **A voz do narrador** é observador e sua voz aparece em momentos específicos da crônica, para o leitor nos diálogos e na história. - **As vozes dos personagens** – podemos perceber a voz do diabo e a voz do publicitário em discurso direto. - **As vozes sociais** – como alguns assuntos são vistos socialmente *...como era da área de atendimento e mau para o pessoal da criação, foi para o inferno... ...Falamos as piores coisas do inferno... ...Os humoristas, como se sabe, não têm qualquer função social...*

As modalizações **As modalizações lógicas** - expressam avaliações, opiniões sobre fatos que podem ser possíveis, certos, prováveis, eventuais ou necessários. Percebemos as seguintes modalizações lógicas: “**como** era da área de atendimento e mau para o pessoal da criação” – indica certeza “**Temos** que melhorar a imagem do Inferno.” – indica obrigação “Mas o que é que **pode** se dizer de bom disto aqui?”

” – indica possibilidade “**Temos** que combinar algumas coisas, antes. Por exemplo, verba.” – indica necessidade “Você **pode** tratar com eles.” – indica possibilidade

Modalizações pragmáticas – que precedem do mundo subjetivo. “como era da área de atendimento e mau para o pessoal da criação, foi para o inferno.” – aqui se expressa uma opinião subjetiva, pois ele acredita que ser mau para o pessoal da criação é uma característica tão ruim a ponto de condenar alguém ao inferno. “Mas o que é que se pode dizer de bom disto aqui?”

Nada.” – o publicitário expõe sua opinião sobre o inferno. “Os cozinheiros ingleses são um exemplo. Podemos dizer que a comida é tão ruim que este é o lugar ideal para entrar... Garçons italianos. Servem a mesa pessimamente. ... Motoristas franceses. São mal-humorados e grosseiros. ... Os humoristas, como se sabe, não têm qualquer função social.” – as opiniões do personagem sobre essas entidades. **Modalizações apreciativas** que apresentam interpretações subjetivas avaliando situações “Podemos dizer que a comida é tão ruim” “Eles só servem para desmobilizar as pessoas, / cuja falta de organização aumenta a revolta geral,” - “Isso já não é comigo” -

CONSIDERAÇÕES FINAIS Pode-se perceber, a partir da análise proposta, que proporcionaremos o envolvimento dos alunos nas atividades, levando-os à compreensão de sentidos no texto, como orientam os PCN. Nessa crônica, podemos discutir como trabalhar com os mecanismos enunciativos, pois essa camada textual torna o texto mais claro, já que atuam diretamente no conteúdo. Buscaremos mostrar que é viável trabalhar essas estruturas no texto, se optarmos por isso para o professor de língua portuguesa utilizar em suas aulas de interpretação. As vozes atuam na elucidação do texto e os modalizadores permitem a percepção das avaliações e julgamentos presentes nas vozes. Assim, favorece a compreensão textual.

REFERÊNCIAS BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Fontes, 1992. BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, tipos e discursos**: Por um interacionismo sociodiscursivo. (trad. Anna Rachel Machado). São Paulo: EDUC, 1999. COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**

Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1988. SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. S. Mercado das Letras, 2004.

[1] Mestranda pelo Profletras. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino Graduada em Letras pela UFS. Professora da Rede Estadual de Sergipe anaceciliase@gmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: